

LITERATURA E REVOLUÇÃO EM LEONARDO PADURA

Analice Pereira¹

Leonardo Padura, escritor cubano contemporâneo, provavelmente, um dos mais conhecidos no Brasil, é autor de romances, ensaios, contos e roteiros. Em seus 69 anos vividos em um país tão emblemático, dada a revolução política por que passou, aborda, em seus livros, recorrentemente, assuntos relacionados à literatura e à revolução, recorte que realizo aqui.

Nos romances de Padura, a sociedade cubana salta aos olhos do leitor e da leitora, desde as palavras introdutórias. A configuração dos seus personagens parte dos condicionamentos sociais que estão na base da sua estrutura social e que envolvem aspectos culturais, econômicos, comportamentais. Cuba é, portanto, nesses romances, o espaço real a que o autor recorre para criar o espaço ficcional, podendo ser compreendido como objetivo central de um projeto literário mais amplo e de toda uma vida.

¹ Possui Graduação, Mestrado e Doutorado em Letras, pela Universidade Federal da Paraíba – UFPB. Realizou pesquisa sobre o escritor cubano Leonardo Padura, em Estágio Pós-Doutoral, na FALE – Faculdade de Letras – da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG.

Sempre que lhe é perguntado sobre a possibilidade de sair ou não da Ilha, considerando que este é um tema forte e bastante presente no cotidiano dos cubanos e cubanas, Padura declara que não se muda de Cuba porque é desse lugar que tira a substância para a sua literatura e o seu jornalismo. Tal declaração, que vez ou outra aparece em suas entrevistas ou textos de sua autoria, publicados em jornais e revistas, explica, em muita medida, que narrar ficcionalmente o lugar onde nasceu e segue vivendo é uma obsessão perseguida pelo escritor em toda sua trajetória. Falar desse lugar equivale a falar de um sentimento de pertencimento. É falar de si, que é, também, falar de uma geração de cubanos e cubanas, por meio de personagens que representam “tipos sociais” de determinados estratos sociais.

Para entender melhor as motivações de Padura para a criação ficcional dessas “personas”, vale muito a pena ler o livro *Cómo nace un personaje: la historia de un detective en La Habana* (2013), no qual o autor tece, em minúcias, considerações sobre o surgimento do personagem Mario Conde e de como ele foi ocupando a sua vida, convertendo-se “[...] si no en un alter ego, sí en mi voz, en mis ojos y en el objeto de mis obsesiones y desvelos a lo largo de más de veinte años de convivencia humana y literária” (p. 11) . Considerando que o referido livro foi publicado em 2013, e somando com o tempo enunciado nessa citação, observamos que Conde acompanha Padura há mais de trinta anos.

Aludir a essas reflexões se justifica pelo destaque a Mario Conde, que protagoniza pelo menos uma dezena de seus romances: a tetralogia intitulada *Estaciones Havana*² escrita entre os anos de 1991 e 1998 sob os seguintes títulos *Passado perfeito*, *Ventos de quaresma*,

² Os romances que compõem essa tetralogia foram adaptados para a série “Quatro estações em Havana”, em 2016, numa produção da Netflix, cujos roteiros contam com a participação do autor Leonardo Padura e de sua esposa Lucía López Col. A série, protagonizada por Jorge Perugorría no papel de Mario Conde, teve a direção do espanhol Félix Viscarret, produção da Tornasol Filmes, e sua disponibilização no streaming Netflix.

Paisagem de outono e Máscaras; Adiós Hemingway & La cola de la serpiente (2001), *A neblina do passado* (2012), *Hereges* (2015), *A transparência do tempo* (2018) e *Pessoas decentes* (2023), ao qual irei me deter nas reflexões ora apresentadas.

Nesses romances, para representar a sociedade cubana e seu chão-histórico, sobreleva-se a figura do personagem, apropriando-se de espaços narrativos representativos de ruas, bairros, bares, restaurantes, museus, praças, escolas, presídios, especialmente da cidade de Havana. Mario Conde é, por assim dizer, o personagem recorrente que leva consigo, por todos os romances que protagoniza, seus amigos, namorada, pai, colegas de trabalho, seus afetos e desafetos, tudo isso como uma forma de consubstanciar a verossimilhança em seu papel de cidadão cubano. Essa galeria de personagens recorrentes auxilia na configuração de Conde como policial-detetive que, ao longo da vida ficcional, aposenta-se e se torna vendedor de livros usados e aspirante a escritor, e que, mesmo aposentado, segue sendo convocado para auxiliar em investigações policiais, como acontece, por exemplo, em *Pessoas decentes* (2023).

Tomando por base as afirmações do próprio escritor, somadas a uma linha interpretativa que se esboça aqui, é possível inferir que, se se considera a noção de “escrita de si”, sendo “si” representativo de uma geração de cubanos e cubanas, Mario Conde seria o porta-voz (*minha voz, meus olhos, objeto de minhas obsessões*); uma representação de questões que são, também, sociais e geracionais. Vejamos nas palavras do escritor:

[...] gracias a esa cercanía, podía convertir a esa figura en un puente que uniera mis ideas, gustos, fobias, respecto a los más diversos elementos del arco social y espiritual, con la sociedad, el tiempo y las circunstancias en que el personaje se movía. De alguna manera mi protagonista podía ser mi intérprete de la realidad en la novela; que era, por supuesto, la realidad cubana de mi momento, mi realidad. (PADURA, 2013, p. 9)

Partindo desse entendimento, é possível observar em Mario Conde uma força motriz de um projeto literário, cujos romances dialogam entre si pela recorrência de personagens e contextos, mas que são independentes, podendo ser lidos separadamente e sem qualquer prejuízo de conteúdo. Nesse processo formativo, Conde parte de uma condição em que, já adulto e policial, constrói uma carreira exitosa, ao mesmo tempo em que se torna um ser existencialista, observador do seu meio com lentes tão ampliadas que alcançam tanto em horizontes quanto em profundidades. Por essas lentes (que é mecanismo ficcional; é foco narrativo), o leitor e a leitora acessam, pela ficção, questões mais cruciais de uma sociedade, a partir de eventos factuais e, portanto, de realidades significativas de seu chão-histórico.

Sendo assim, a configuração de Mario Conde, em tudo o que lhe diz respeito (sua profissão, seus amigos, seus afetos e desafetos, sua maneira de pensar a vida e o mundo), pode ser uma chave interessante de interpretação dos livros em que o personagem aparece. E, alicerçando esse ideário, encontra-se um sentimento de pertencimento do escritor que pode ser interpretado, também, como um compromisso de intelectual e cidadão, no sentido de promover no leitor e na leitora reflexões sobre as condições a que o seu país foi exposto, por um processo revolucionário que trouxe ganhos, obviamente, mas que também se complicou no meio do caminho. Nesse sentido, é que entra a discussão sobre Direitos Humanos, tendo em vista, sobremaneira, o olhar crítico que Padura lança sobre essas questões.

No que se refere ao tema da Revolução, o seu romance mais famoso no Brasil, *O homem que amava os cachorros* (2013a), traz a temática de uma forma mais direta porque conta três histórias centrais que se entrelaçam – duas no passado (que envolvem a Revolução Russa e a Guerra Civil Espanhola) e outra num tempo histórico mais próximo e que envolve a Revolução Cubana. As duas primeiras tratam de Trotski e seu assassino Ramón Mercader, episódio considerado

“um dos mais brutais e emblemáticos crimes políticos do século XX”, nas palavras de Gilberto Moringoni, que prefacia a edição brasileira (PADURA, 2013.a. p, 11). A terceira, com a qual as duas primeiras dialogam, ocorre em Cuba do Período Especial nos anos de 1990, cujas coordenadas sociais e históricas são representadas como consequência do período revolucionário, quando a nova política cultural passou a ser fundamentada na *parametrización* (MISKULIM, 2009) da cultura cubana, fenômeno que normatizava a conduta dos intelectuais. Noutras palavras: um período marcado pela censura.

Já em *Pessoas decentes* (2023), há um ponto interessante que tem a ver com uma das pautas da Revolução Cubana e que se refere ao projeto de criação do “homem novo”, o que viria a constituir uma nova maneira de ser e de pensar a vida em sociedade, a partir de uma ideia de socialismo. O sistema educativo do país seria, nesse sentido, instrumento essencial para a realização desse projeto, sobre o qual Che Guevara refletia. Essa possibilidade de criação do “homem novo” se encontrava, assim, no horizonte de expectativas daquilo que se almejava como sociedade nova, vislumbrada por aqueles e aquelas que criam e lutavam por um outro futuro. Vejamos um trecho da carta que Che remetia a Carlos Quijano (2011), editor de “Marcha”, semanário publicado em Montevideu, Uruguai, em 12 de março de 1965, na qual anunciava

[...] la necesidad de la creación del hombre nuevo, que no sea el que represente las ideas del siglo XIX, pero tampoco las de nuestro siglo decadente y morbosos. El hombre del siglo XXI es el que debemos crear, aunque todavía es una aspiración subjetiva y no sistematizada. Precisamente éste es uno de los puntos fundamentales de nuestro estudio y de nuestro trabajo y en la medida en que logremos éxitos concretos sobre una base teórica o, viceversa, extraigamos conclusiones teóricas de carácter amplio sobre la base de nuestra investigación concreta, habremos hecho un aporte valioso al marxismo-leninismo, a la causa de la humanidad. (GUEVARA, 2011, p. 17)

Em *Pessoas decentes* (2023), alude-se a essas ideias, pela perspectiva do personagem Mario Conde, especialmente em duas passagens (uma na p. 288 e outra na p. 296), que, em alguma medida, vão ao encontro do que já apresentava Che em suas reflexões. Ao mencionar a ideia do “homem novo”, Conde discute sobre o princípio da “decência”, tema que atravessa todo o romance, desde o título, como algo diretamente relacionado ao projeto de criação do “homem novo”, cujo *modus vivendi* estivesse pautado, sobremaneira, em valores éticos e no alcance de uma vida digna, em seus mais diversos aspectos e direitos. Daí o tom desencantado de Conde, e que não é apenas pessoal e individual, mas, pelo menos, de toda uma geração.

A decência que Conde reivindica e discute no mais recente livro de Padura, juntamente com seus amigos, namorada, colegas, é a mesma dos romances anteriores por eles habitados. É uma decência que põe em relevo a dignidade humana e o valor da amizade e, nesse exercício, esses personagens encontram aquilo que poderia se configurar como um dos elementos constituidores do “homem novo”; do cubano e da cubana do século XXI. Nesse sentido, é possível afirmar que *Pessoas decentes* (2023) traz, em seu âmago, a discussão sobre o abalo de alguns princípios éticos que “deformam” e “revelam” o caráter de certas “personas”. No entanto, como via contrária e no embate a esse abalo, o romance também lança luz naquilo que reivindica: manter intactos os valores da ética e da amizade cultivadas por Conde e aqueles e aquelas que o acompanham, na dezena de romances que protagonizam. Amizade como exercício que traz, em seu íntimo, o amor, a solidariedade e a compaixão, como valores de uma coletividade em seu sentido mais genuíno, constituindo, dessa forma, traços marcantes, não só desse romance em questão, mas de toda a literatura de sua autoria, no que se refere, especialmente, àquilo que ele chama de *cubanía* (PADURA, 2020), um conceito que equivaleria, em alguma medida, ao que chamamos de *brasilidade*, em nosso país.

Esse caminho reflexivo destaca o personagem Conde como um tipo social de dentro do centro das coordenadas históricas que constituem a base da configuração dos demais personagens, que representam, não apenas uma, mas algumas gerações de cubanos e cubanas. Por essa razão, mas também por ser cubano e por eleger Cuba como espaço narrativo primordial de sua obra, Leonardo Padura é um escritor que atrai holofotes e que não se exime de expressar suas opiniões, seja sobre literatura, seja sobre Cuba, embora sempre se ressinta por ser mais questionado sobre Cuba e seus assuntos políticos, do que mesmo sobre sua literatura.

Essa cobrança de uma postura mais política e engajada, digamos assim, ocupou palco de discussão midiática em 2014, quando, em sua estada em Buenos Aires, para lançamento do livro *O homem que amava os cachorros* (2013), o politólogo Atílio Borón levanta o seguinte questionamento: “Como é possível que os fracassos ou distorções da revolução, que segundo Padura provocam ‘a nostalgia, o desencanto, as esperanças perdidas’ de uma sociedade possam ser apontadas sem que uma palavra seja dita sobre o imperialismo norte-americano e o seu criminoso bloqueio a Cuba?” (BORÓN, 2014).

Acusado de “unilateralidade” pelo fato de não tocar no assunto do Embargo Econômico dos EUA a Cuba, quando tratou o país como um projeto político frustrado, uma “utopia pervertida” (nas palavras de Padura), o escritor foi colocado no centro de um debate em que alguns intelectuais latino-americanos, principalmente, reclamavam da propaganda negativa do país a que sua obra estava servindo. Refletindo um pouco sobre esse argumento, compreendo que a história de Cuba (em seu aspecto factual) não constitui apenas pano de fundo, ou mera cenografia nos romances de Padura. Compreendo que a realidade factual está representada ficcionalmente como categorias narrativas (tempo, espaço, narrador e personagem). Noutros termos, observo o factual e o ficcional como vasos comunicantes, uma vez que o fato de o Embargo dos EUA, que este ano completa

63 anos, não estar enunciado diretamente nos romances, não significa dizer que esteja ausente, pois os condicionamentos sociais que configuram seus personagens têm a ver, direta ou indiretamente, com esse e outros assuntos que também não estão enunciados no romance, e, nem por isso, estão silenciados. (PEREIRA, 2022)

Por essa chave interpretativa, podemos ler os personagens, tanto aqueles representativos de uma realidade factual (Trótski, Mercader, José Martí) quanto os que constituem uma realidade ficcional (Conde, por exemplo), como parte de um projeto que é literário e não de estudo sociológico, e que, ainda assim, não deixam de ser significativos para acessar os aspectos factuais da sociedade cubana, no que ela tem de mais profundo e legítimo como estado de consciência de sua identidade.

Finalizo, portanto, as minhas reflexões, citando Padura, no que ele próprio compreende e expressa sobre essa relação entre o factual e o ficcional:

É válido escrever um romance para resolver tais assuntos? Não sei, mas escrevi um e escrevi mais dez buscando respostas para conflitos tão complexos como a perversão da utopia igualitária do século XX, o direito do homem de exercer seu livre arbítrio, ou a busca das fontes originais de minha identidade cubana. (PADURA, 2020. p. 95)

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORÓN, Atilio. Intelectuales, imperialismo y revolución: sobre una polémica desatada por la entrevista de Leonardo Padura concedida al diario **La Nación de Buenos Aires**. Atilio Boron, 21 maio 2014. Disponível em: <http://www.atilioboron.com.ar/2014/05/intelectuales-imperialismo-y-revolucion.html>. Acesso em 6 de jul. 2017.

FUENTES, Leonardo Padura. **Adiós Hemingway & La cola de la serpiente**. Habana: Ediciones Unión, 2001.

GUEVARA, Che. **El socialismo y el hombre en Cuba**. Disponível em <<https://www.marxists.org/espanol/guevara/65-socyh.htm#:~:text=En%20nuestro%20pa%C3%ADs%20el%20error,nuestro%20siglo%20decadente%20y%20morboso.>> Acesso em 30 de jan. de 2025.

MISKULIN, Sílvia Cezar. **Os intelectuais cubanos e a política cultural da Revolução (1961-1975)**. São Paulo: Alameda, 2009.

PADURA, Leonardo. **A neblina do passado**. Trad. Júlio Pimentel Filho. São Paulo: Benvirá, 2012.

PADURA, Leonardo. **Cómo nace un personaje: la historia de un detective en La Habana**. Barcelona: Tusquets Editores, 2013.

PADURA, Leonardo. **O homem que amava os cachorros**. Trad. Helena Pitta. São Paulo: Boitempo, 2013a.

PADURA, Leonardo. **Hereges**. Trad. Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Boitempo, 2015.

PADURA, Leonardo. **A transparência do tempo**. Trad. Monica Stahel. São Paulo: Boitempo, 2018.

PADURA, Leonardo. **Água por todos os lados**. Trad. Monica Stahel; Seleção e edição de textos de Lucía López Coll. São Paulo: Boitempo, 2020.

PADURA, Leonardo. **Pessoas decentes**. Trad. Mônica Stahel. São Paulo: Boitempo, 2023.

PEREIRA, Analice. **(In)discutível sopro de realidade na ficção de Leonardo Padura**. João Pessoa: Editora IFPB, 2022 (e-book disponibilizado no site da editora <<http://editora.ifpb.edu.br/ifpb/catalog/book/399>>).